

...The end of the world is not a point in time, but a process. It is the process of the world becoming a point in time.



NOITES BRANCAS

Romances do Autor:

Gente Pobre

O Duplo

Um Sonho do Tio

Humilhadas e Ofendidas

Recordações da Casa dos Mortos

Cadernos do Subterrâneo

Crime e Castigo

O Jogador

O Idiota

O Eterno Marido

Demónios

O Adolescente

Os Irmãos Karamázov

Fiódor Dostoiévski

NOITES BRANCAS

Memórias de um sonhador

Tradução do francês
Maria João Lourenço

Prefácio
Margarida Rebelo Pinto



Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa

© da edição, 2013, Clube do Autor, S. A.
Direitos para esta edição:
Clube do Autor, S. A.
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º
1050-019 Lisboa, Portugal
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21
info@clubedoautor.pt

Título original: *Belye noči. Sentimental'nyj roman* (1948)
Autor: Fiódor Dostoiévski
Tradução: Maria João Lourenço
Revisão: Rui Augusto
Paginação: Maria João Gomes,
em caracteres Revival
Impressão: Guide – Artes Gráficas (Portugal)

ISBN: 978-989-724-088-1
Depósito legal: 362082/13
1.ª edição: Agosto, 2013

www.clubedoautor.pt



Edouard-Louis Luce



UM ROMÂNTICO ATÉ AO FIM

Nunca nos esquecemos do primeiro livro que nos fez chorar de emoção, é como viver o primeiro amor. Eu tinha 16 anos, já passava das quatro da manhã quando terminei *Noites Brancas* e ainda lembro esse momento de plenitude como se fosse ontem. Ao longo da minha vida partilhei-o com amigos, conhecidos e alunos, continuo a oferecê-lo às pessoas de quem mais gosto e já o reli inúmeras vezes, no intuito de reencontrar vestígios do encantamento outrora vivido.

O protagonista não carece de nome próprio. Tal como Fiódor Dostoiévski explicou, não podendo encontrar o seu lugar no mundo, o homem deixa de ser homem, tornando-se um sonhador. E é assim que o Sonhador, mergulhado numa trágica solidão e tendo como única interlocutora a cidade e as fachadas dos seus

edifícios, conhece Nástenka, uma jovem que aguarda o regresso prometido do seu amado durante quatro brancas noites.

Nástenka faz o que todas as mulheres sabem fazer: espera. E o Sonhador faz o que todos os homens sabem fazer: corteja-a. Ele sabe que o coração dela pertence a outro, mas deseja secretamente que este não apareça, para que possa então dar-lhe a mão, resgatá-la da desilusão e tornar-se finalmente um homem, completo por um grande amor, liberto da solidão para sempre.

Esta é uma das muitas histórias de um dos mais admirados e populares romancistas russos de todos os tempos. Por detrás do autor viveu um homem atormentado pelo assassinato do pai, pela morte de um filho, pela ameaça permanente da epilepsia e pelo vício do jogo. Chegou a ser condenado à morte por pertencer a um grupo de pensadores rebeldes, sendo salvo no último instante por ordem do então czar Nicolau I, que comutou a sentença para quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria, onde Fiódor terá evitado o suicídio do seu companheiro de cela.

A cidade de Petersburgo, erigida do nada graças ao espírito megalómano e visionário do czar Pedro, *o Grande*, estende-se ao longo do rio Neva. A sua arquitectura imponente elevou-a a Património Mundial da Unesco e as suas noites brancas são famosas em todo o mundo. Foi nesta cidade que o escritor viveu a maior parte dos seus

dias, enquanto não esteve no exílio ou a deambular pela Europa, onde foi apanhado pelo vício do jogo. E é nas margens do rio que tudo acontece através do diálogo entre uma mulher que espera o regresso do seu amado e um solitário que deseja secretamente o amor dela. Ambos sonham com o impossível, mas, afinal, a literatura é mesmo isto, sonhar acordado e partilhar sonhos que nunca morrem.

O romantismo exacerbado é ridículo apenas para aqueles que nunca viveram a vertigem de um amor total e ao mesmo tempo impossível, no qual o arrebatamento nos eleva a um estado de graça que nunca mais esquecemos. A busca do amor pelo amor pode sobrepor-se por vezes à própria existência, por nos levar mais longe e mais alto do que alguma vez imaginámos chegar. Tal como as noites que imitam o dia, o sonho também imita a vida e a ficção não é mais do que um pálido reflexo da realidade.

É verdade que todos precisamos de sonhar, mas também todos precisamos de acordar. E embora nos pareça impossível acordar sem dor nem perda, afinal nem sempre é mau, porque a vida é sempre outra coisa, diferente do que imaginámos. Os sonhos servem para isso mesmo: perdermo-nos através deles para nos voltarmos a encontrar.

Noites Brancas é mais do que um livro terno e perfeito; é uma lição de vida imortal. Há livros que mudam

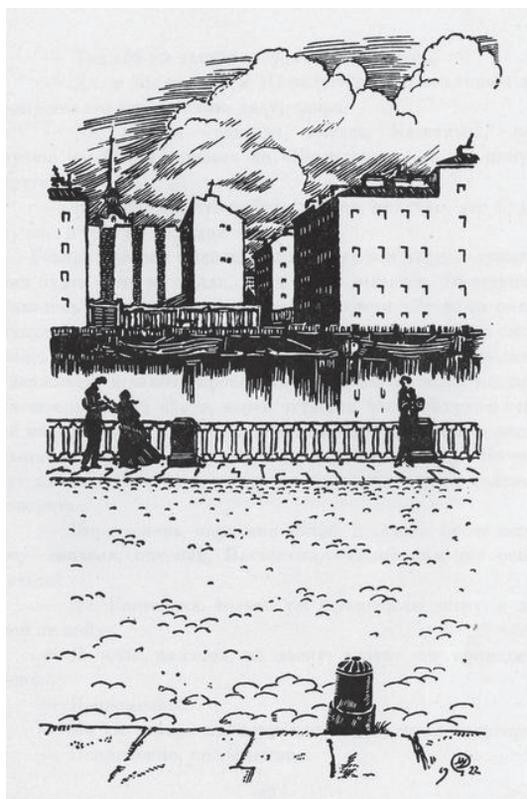
FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

a nossa vida porque nos ensinam a olhar para dentro, a crescer e a amar melhor as nossas fraquezas e os defeitos dos outros. A sua pureza é intocável e a sua sabedoria é eterna. Este é um desses livros, e por isso viverá para sempre no meu coração.¹

Margarida Rebelo Pinto
Santos, 31 de Julho de 2013

¹ Por vontade expressa da autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. (*N. do E.*)

NOITES BRANCAS





*Ou foi criado para habitar
Por um instante que fosse
Nas vizinhanças do teu coração?*

Ivan Turguénev



PRIMEIRA NOITE





Era uma noite maravilhosa, uma dessas noites que apenas são possíveis, querido leitor, quando somos jovens. O céu estava tão estrelado, tão luminoso, que, olhando para ele, nos veríamos obrigados a perguntar: como se explica que debaixo de um céu assim vivam homens irascíveis e caprichosos? Também esta é uma pergunta pueril, caro leitor, muito pueril... mas oxalá o Senhor lha possa inspirar mais vezes.

A propósito de gente caprichosa e irascível, sinto-me impelido a recordar o meu comportamento — irrepreensível, diga-se de passagem — ao longo de todo esse dia. Logo de manhã cedo, fora atormentado por um profundo e singular desânimo. Subitamente, pareceu-me estar sozinho, posto de lado, e que toda a gente se afastava de mim. Seria lógico, em boa verdade, querer saber quem

é, afinal, «toda a gente», uma vez que vivo há oito anos em Petersburgo e ainda não consegui praticamente travar conhecimento com outras pessoas. Também, que necessidade tenho eu de conhecimentos? Sem eles, conheço já Petersburgo inteira. Talvez por isso fiquei com a impressão de que todos me abandonaram quando Petersburgo em peso se ergueu e partiu repentinamente para o campo. Apoderou-se de mim o receio de ficar sozinho, e durante três dias vagueei pela cidade, mergulhado numa angústia profunda, sem nada compreender do que se estava a passar.

Quer percorresse a Avenida Néovski, quer fosse até ao jardim ou errasse pelos cais, não via uma única das pessoas que eu tinha por hábito encontrar naqueles mesmos locais e à mesma hora durante o ano inteiro. Claro que elas não me conhecem, mas eu conheço-as a todas. Conheço-as intimamente. Estudei as suas fisionomias — regozijo-me quando estão alegres e fico acabrunhado à vista das suas tristezas. Quase travei laços de amizade com um velhote que encontro todos os dias, sempre à hora certa, junto ao Fontanka¹. Tem uma expressão muito grave, pensativa; passa o tempo a falar com os seus botões, gesticulando com a mão esquerda, enquanto na direita segura uma bengala comprida e nodosa com um castão de ouro. Também ele me reconheceu e demonstrou pela minha presença cordial interesse. Estou seguro

¹ Canal que atravessa o centro de Petersburgo e desagua na margem esquerda do rio Neva, em cujo estuário foi edificada a cidade. (*N. da T.*)

de que ficaria abatido, caso eu não aparecesse à hora do costume na mesma margem do Fontanka. Como tal, sentimos por vezes a tentação de nos cumprimentarmos, sobretudo quando estamos os dois de bom humor. Mais recentemente, como já não nos víssemos há dois dias inteiros, ao terceiro, quando calhou os nossos caminhos cruzarem-se, pouco faltou para levarmos ambos a mão ao chapéu, mas, por sorte, conseguimos a tempo reprimir o gesto, baixámos as mãos e passámos um pelo outro com simpatia.

Também as casas são velhas conhecidas. Quando vou pela rua, tenho a impressão de que cada uma delas corre ao meu encontro, olhando-me das suas janelas e dizendo-me: «Bom dia! Como está? Eu vou bem, graças a Deus! Em maio vão acrescentar-me um andar.» Ou então: «Como passa? Amanhã vou entrar em obras!» Ou: «Por pouco não ardi de alto a baixo; apanhei um valente susto!», no meio de outras tiradas do género.

Entre elas, tenho as minhas preferidas, as minhas amigas íntimas. Uma dessas moradas tem planos de se entregar, este verão, nas mãos de um arquiteto, para fazer um tratamento qualquer. Irei vê-la todos os dias, de propósito, não vá ela perecer da cura... Deus a guarde!

Nunca esquecerei a história que aconteceu com uma bonita casa pequenina, pintada de um cor-de-rosa claro. Era uma encantadora casinha de pedra, e parecia olhar-me sempre com grande afabilidade, fixando com tanto